

Dossiê: Antropologia e fotografia: experimentações e etnografias



## Fotografias “despretensiosas”: as transformações do toré dos Tapuias Tarairiús da Lagoa de Tapará nas feiras de cultura (2015–2018)

“Unpretentious” photographs: the transformations of the toré of the Tapuias Tarairiús from Lagoa de Tapará at the culture fairs (2015–2018)

Fotografías “sin pretensiones”: las transformaciones del toré de los Tapuias Tarairiús de la Lagoa de Tapará en las ferias culturales (2015–2018)

Roberto Carlos Nunes Queiroz de Mendonça

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

robertocnqm@gmail.com 7

<http://orcid.org/0000-0002-1956-2228>

## Apresentação

Começo este ensaio visual com um trecho de uma fala da liderança e cacica Francisca Bezerra (*ver imagens 2 e 12*), durante uma entrevista que realizei com ela no Conselho Comunitário Indígena de Tapará (Concint).

Meu tio dançava o toré, mas eu não participava porque minha família não permitia. Eles faziam [o toré] numa casa, era fechado, entre quatro paredes, como se estivessem fazendo algo de errado. Hoje eu percebo que não é errado. Eles eram vistos como Catimbozeiros, que faziam mal para o povo, que eram Xangozeiros. [...] Meu tio foi ficando mais velho e com o tempo faleceu. (Entrevista realizada com Francisca Bezerra, Concint, 05 de maio de 2018).

A narrativa construída por Francisca sobre o toré recorda, pela memória sobre o seu tio, a discriminação sofrida pelos Tapuias Tarairiús devido suas práticas culturais. De acordo com Julie Cavignac (2003), o distanciamento da cultura e da identidade indígena na consciência das pessoas, inclusive dos próprios descendentes, fez parte do processo de apagamento da existência dos povos indígenas do Rio Grande do Norte que, até o começo do século XXI, não eram contabilizados e nem reconhecidos como indígenas pelas instituições públicas. Hoje a prática cultural do toré — anteriormente malvista — é trazida nas narrativas dos Tapuias Tarairiús como uma “retomada” e/ou “resgate” da cultura indígena. Em Tapará, o toré compõe parte de um repertório cultural maior, utilizado na reorganização e no fortalecimento da ancestralidade e da identidade coletiva da comunidade. De uma forma mais ampla, o toré é uma prática importante não somente na mobilização dos indígenas de Tapará, mas dos indígenas do Nordeste: seja como parte do repertório cultural da reorganização interna de cada povo indígena; seja pelos seus usos políticos em diversas situações de resistência (GRÜNEWALD, 2008).

Os Tapuias Tarairiús da Lagoa de Tapará é uma comunidade indígena localizada na zona rural, entre a fronteira dos municípios de Macaíba e São Gonçalo do Amarante, ambos situados no estado do Rio Grande do Norte. Segundo dados coletados no ano de 2018<sup>1</sup>, a comunidade é composta por 499 indígenas, sendo grande parte deles agricultores, aposentados e/ou exercem serviços gerais, como: feirantes, empregadas domésticas, seguranças, artesãs etc. Desde o ano de 2011 a comunidade da Lagoa de Tapará tem progressivamente feito discussões locais sobre os direitos indígenas, as quais se refletiu no

<sup>1</sup> Dados coletados por Rita Neves, José Glebson Vieira e Manuel Moura. Para saber mais, ver Mendonça (2022).

engajamento dela no movimento indígena do estado e na redefinição do conselho comunitário, não mais enquanto “rural” e sim, enquanto “indígena” (MENDONÇA, 2022). A reorganização social e política da comunidade tem sido feita em articulação com diferentes ações, dentre as quais chamo atenção a feira de cultura e nela, a apresentação do toré. No ano de 2014, o toré foi incorporado pela comunidade enquanto uma prática de caráter cultural e político e apresentado publicamente pela primeira vez em 2015 (*ver imagem 6*) na I Feira de Cultura da Lagoa de Tapará (*ver imagem 1*).

A feira de cultura em Tapará é um evento festivo, político e cultural que ocorre todos os anos no último domingo do mês de maio. A festividade é realizada nas proximidades do Concint e nela participam indígenas e não indígenas. Ao redor da festividade, encontra-se barracas com comidas e artesanatos que são comercializados e convertidos financeiramente para as famílias da comunidade e para a gestão do Concint. Além disso, há uma exposição da cultura local por meio de barracas temáticas de pintura corporal, plantas medicinais, brincadeiras indígenas e inventários de insetos e animais da redondeza. No centro do evento, respectivo ao espaço em frente ao Concint, ocorrem diversas atrações culturais, como o toré (*ver imagens 6, 7 e 8*), o boi de reis (*ver imagem 4*), a capoeira, (*ver imagem 5*) e outros. É nesse mesmo espaço que são endereçadas ao público falas políticas sobre os direitos indígenas, sejam elas pronunciadas por lideranças indígenas (*ver imagem 2*) e/ou parceiros da comunidade, como políticos partidários e representantes das instituições públicas.

Ao longo dos anos, a estrutura da feira de cultura foi sendo alterada num constante processo transformativo, negociando-se a permanência, as alternâncias, as inserções, as idas e vindas da construção do evento. Como exemplo, cito: a criação de uma oca em frente ao Concint no ano de 2018; a inserção de novas barracas de exposição da cultura local, como a das plantas medicinais que surgiu em 2018, mas somente reapareceu em 2022; a presença de novas práticas culturais, como a corrida de toras (*ver imagem 3*); e a transformação de algumas práticas culturais, como o próprio toré. Mesmo com suas mudanças, a feira de cultura permanece sendo um ato de resistência, visto em sua estratégia de firmar parcerias, dar visibilidade à comunidade e de reafirmar um pertencimento identitário do coletivo.

A feira de cultura que no ano de 2022 estava em sua sexta edição, aparece como efeito, mas também como parte das “políticas culturais” (CUNHA, 2016) promovidas e desenvolvidas pelos indígenas Tapuias Tarairiús. Enquanto parte das “políticas culturais” evidenciadas pela feira de cultura, este trabalho escolheu enfatizar o toré.

Na dissertação de Allyne Dayse Macedo de Moura (2019), a autora descreve o toré em Tapará como um movimento em círculo, com uso do maracá, batidas dos pés no chão em harmonia com as vozes e uma musicalidade com letras comuns a outros povos indígenas, mas que foram adaptadas com a pronúncia do nome “tapuia” e dos espécimes locais da comunidade. A autora ainda diz que em Tapará o toré é realizado especialmente em momentos públicos, ao invés de secreto e é caracterizado majoritariamente pelos Tapuias Tarairiús como uma prática de significado “político”, “dancístico” e “lúdico”.

Dito isso, menciono que este ensaio visual é o resultado de incursões às feiras de cultura da Lagoa de Tapará, como uma revisitação do meu acervo pessoal. Em 2015, no meu primeiro ano de graduação no curso de ciências sociais, participei da I Feira de Cultura como atividade de campo da disciplina “Introdução à Antropologia”. Esse também tinha sido o primeiro ano da feira de cultura, inicialmente facilitada pelo grupo Motyrum<sup>2</sup>. Nos anos de 2017 e 2018 participei da feira de cultura como bolsista de Iniciação de Pesquisa (IC) pelo projeto “Plantas medicinais e Itinerário terapêutico entre os índios Tapuias da Lagoa de Tapará, no Rio Grande do Norte”, mesmo assim, a fotografia não foi intencionalmente mobilizada para fins científicos.

Revisitar as imagens me fez pensar como as fotografias fizeram parte da minha pesquisa (MENDONÇA, 2022) e como ao longo da minha trajetória de pesquisador reatribuí significados diferentes às fotos, que um dia foram feitas de forma despretensiosa. As fotografias<sup>3</sup> passaram a recontar a articulação e mobilização local dos indígenas de Tapará, não mais vista pelos encontros no Concint, nas audiências públicas e nos protestos, mas pela festividade. A feira de cultura refletia uma árdua produção de uma política cultural que se desdobrava, inclusive, no próprio toré.

Entre os anos de 2015 e 2018, o toré mudou de forma, de estética, de movimentos e no maior engajamento dos indígenas da comunidade. Com isso, a composição das imagens que se seguem constrói uma etnografia sobre essas transformações do toré. Para tal, selecionei inicialmente algumas imagens que contextualizam a feira de cultura e a

---

<sup>2</sup> De acordo com Moura (2019) o Motyrum era um “programa de pesquisa e extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que atuava com ações de educação em direitos humanos em comunidades urbanas e rurais” (MOURA, 2019, p. 24). Também segundo a autora, em 2012, foi criado um núcleo indígena denominado Motyrum Indígena: “O Motyrum Indígena iniciou, pois, suas atividades sob orientação da Professora Rita de Cássia Neves, vinculada ao Departamento de Antropologia da UFRN, que atuou com o programa até 2016” (MOURA, 2019, p. 25). Para saber mais sobre a atuação do Motyrum, ver Moura (2019).

<sup>3</sup> As fotografias a seguir foram produzidas com uma câmera Nikon D3200 e lente grande angular AF-S Nikkor 18-55mm, sem uso de editor de imagens.

participação dos indígenas nela (*ver imagens 1, 2, 3, 4, 5*). A posteriori, seleciono algumas imagens que tratam diretamente da presença dos indígenas no toré (*ver imagens 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12*). Dentre as imagens expostas, há algumas feitas a partir de agrupamentos de fotos, a fim de melhor apresentar os movimentos, as transformações e a historicidade das práticas culturais da comunidade. Como sugere Nuno Godolphim (1995), as fotografias devem ser montadas para compor uma narrativa etnográfica, buscando ir além da ilustração. Por isso, pela sequência de imagens, convido o leitor a observar o contexto de apresentação e a transformação do toré nas feiras de cultura.



### 1. I Feira de Cultura da Lagoa de Tapará

Esta é a primeira imagem que fotografei da I Feira de Cultura. Ela foi fotografada no começo da manhã de domingo. A foto apresenta as barracas respectivas a venda de comida e artesanato local. Ao longo dos anos houve um aumento de barracas voltadas a venda de produtos e de exposio da cultura local. Na imagem também podemos ver uma tenda, essa fica ao lado do Concint. Foto: Roberto Nunes, (31/05/2015).



## 2. Francisca Bezerra.

Na imagem acima podemos ver a liderança e cacica Francisca Bezerra enunciando uma fala política sobre direitos indígenas. A imagem foi fotografada na III Feira de Cultura, antes da apresentação do toré. As falas sobre demandas e conquistas dos direitos indígenas da comunidade de Tapará são enunciadas ao longo da feira de cultura. Foto: Roberto Nunes, (28/05/2017).



### 3. A corrida de toras.

Na composição das fotos podemos ver a corrida de toras. Em Tapará, a corrida de toras é um jogo indígena que consiste em ir em dupla até um ponto marcado. Enquanto um indígena leva a tora de madeira até um ponto estabelecido, o outro deve acompanhá-lo para o caso de necessitar de ajuda. Depois a dupla deve inverter a posição, retornando ao ponto inicial. A corrida de toras foi vista por mim pela primeira vez na feira de cultura no ano de 2017. A imagem superior foi fotografada no ano de 2017, enquanto a imagem inferior foi fotografada no ano de 2018. Foto: Roberto Nunes, (28/05/2017; 27/05/2018).



#### 4. O boi de reis.

O boi de reis tem feito parte da programação cultural das feiras de cultura. A cada ano é convidado um grupo artístico diferente para apresentá-lo. A escolha por incluir o boi de reis na programação da feira de cultura se deve a Antônio Rosa, que mantinha uma tradição na comunidade de apresentações culturais, tanto do boi de reis, como do João Redondo. Antônio Rosa faleceu no ano de 2018. A composição das fotos ao lado é respectiva ao ano de 2017: apresentação do grupo Interart, da comunidade rural de Lagoa do Sítio I, do município de Macaíba/RN. Foto: Roberto Nunes, (28/05/2017).



### 5. A capoeira.

A capoeira está presente na feira de cultura desde sua primeira edição. Ela tem sido engajada na comunidade por Leonardo Bezerra que, no ano de 2018, realizava um projeto de ensino do esporte voltado às crianças e jovens de Tapará. Na composição da imagem trago, de cima para baixo, uma foto da primeira feira de cultura, seguido pela imagem da capoeira apresentada na quarta feira de cultura e por fim, uma imagem de Leonardo Bezerra na mesma feira de cultura. Ele está no lado esquerdo da fotografia. Foto: Roberto Nunes, (31/05/2015; 27/05/2018).



## 6. O toré na I Feira de Cultura da Lagoa de Tapará.

A composição de fotos mostra o primeiro toré realizado publicamente na I Feira de Cultura da Lagoa de Tapará. Na primeira imagem, de cima para baixo, vemos ao centro Francisca Bezerra iniciando a condução do toré. Nas imagens seguintes, as indígenas realizam movimentos circulares e centrípetos (ao centro). Ao observar essas imagens percebe-se o protagonismo das mulheres indígenas em Tapará. Como discuto em minha dissertação (MENDONÇA, 2022), há uma maior presença das mulheres indígenas na organização do Concint, como também nas primeiras ações realizadas na reorganização social e política da comunidade. Foto: Roberto Nunes, (31/05/2015).



### 7. O toré na III Feira de Cultura da Lagoa de Tapará.

A composição das fotos mostra o toré apresentado na III Feira de Cultura. Nas fotografias podemos observar que, no ano de 2017, o toré foi conduzido pelo pajé Amauri. A presença dele também pode ser vista nas imagens 8, 9 e 12. Foto: Roberto Nunes (28/05/2017).



#### 8. O toré na IV Feira de Cultura da Lagoa de Tapará.

Em 2018, foi criada uma oca em frente ao Concint. Neste ano, o toré foi realizado sob a oca. Como podemos observar pela sequência de imagens, de cima para baixo, o toré se iniciou fora da oca, de modo a seguir em direção a ela. De braços dados os indígenas realizaram movimentos ondulatórios em direção a oca, seguido por movimentos circulares sob a oca e por fim, a alternância desse com movimentos centrípetos (ao centro). O toré de 2018 teve uma estilística diferente dos anos anteriores. A descrição do toré de 2018 também pode ser encontrado em Moura (2019). Foto: Roberto Nunes, (27/05/2018).



### 9. O pajé Amauri.

Na composição de fotos trago o pajé Amauri realizando o ritual de purificação durante o toré. O pajé Amauri usa o fumo como parte do rito de purificação. O fumo somente foi tragado por alguns indígenas, os outros recusaram. As imagens fotografadas no ano de 2018 realçam a presença do pajé Amauri na condução do toré desse ano, com o diferencial da inserção do ritual de purificação. Igualmente, em 2017, ele também foi convidado pela comunidade para conduzir o toré durante a feira de cultura (*Imagem 7*). De acordo com Moura (2019), Amauri é considerado o pajé da comunidade do Catu, mas que, mesmo assim, acompanha o movimento indígena do estado e as demais comunidades em diferentes atividades. Foto: Roberto Nunes, (27/05/2018).



#### 10. Os indígenas e o engajamento no toré.

A imagem acima, fotografada com um enquadramento de ângulo visual largo, na IV Feira de Cultura, elucida o maior número de indígenas participando do toré em relação a I e III feiras de cultura (*ver imagens 6 e 7*). Foto: Roberto Nunes, (27/05/2018).



### 11. As crianças indígenas.

A imagem acima foi fotografada durante o toré da IV Feira de Cultura. Nela enquadro algumas crianças indígenas que estavam presentes durante o ritual. O uso da imagem foi escolhido para enfatizar o incentivo das lideranças na participação e no engajamento das crianças e dos jovens indígenas nas práticas culturais da comunidade e na inserção deles no movimento indígena. Observar o crescimento da presença das crianças também a partir das imagens 6, 7 e 10. Foto: Roberto Nunes, (27/05/2018).



12. Francisca Bezerra e pajé Amauri na IV Feira de Cultura.

A esquerda a liderança e cacica Francisca Bezerra, a direita o pajé Amauri. A imagem acima foi escolhida para evidenciar as mudanças estéticas que também compõem a transformação do toré durante as feiras de cultura. Em comparação ver imagens 2, 6 e 7. Foto: Roberto Nunes, (27/05/2018).

## Referências

CAVIGNAC, Julie Antoniette. A etnicidade encoberta: ‘Índios’ e ‘Negros’ no Rio Grande do Norte. *Mneme*, Caicó, v. 4, n. 8, p. 1–79, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Políticas culturais e povos indígenas — uma introdução. In: CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINO, Pedro de Niemeyer (Org.). *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 9–21.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 161–185, 1995.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. As Múltiplas Incertezas do Toré. In: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (Org.). *Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste*. Recife: Massangana, 2008. p. 13–38.

MENDONÇA, Roberto Carlos Nunes Queiroz de. *Políticas de resistência e de saúde: um estudo sobre problemas de saúde e práticas de autoatenção na comunidade indígena Tapuias Tarairiús da Lagoa de Tapará - Macaíba/RN*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MOURA, Allyne Dayse Macedo de. *“Aqui tem sangue e suor de índio”*: resistência, etnicidade e luta política dos Tapuias da Lagoa do Tapará - RN. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

Recebido em 17 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de junho de 2023.